**Objetivos:**

1. Entender a dimensão do perdão de Deus aos salvos.
2. A partir do entendimento da dimensão do perdão de Deus aos salvos, compreender os motivos de Deus para que perdoemos aos que nos ofendem.
3. Apreender o fato de que Deus espera que nós, como ofendidos, busquemos a restauração dos que nos ofenderam.
4. Atentar para o fato de que nós também devemos pedir perdão aos que ofendemos.

**CONSIDERAÇÕES**

Normalmente, as considerações são feitas ao final do roteiro. Desta vez, estamos invertendo, para explicarmos a sequência do estudo sobre perdão.

O estudo será feito em quatro partes, a saber, i) o perdão de Deus; ii) nosso perdão aos irmãos; iii) a restauração do pecador e iv) nosso pedido de perdão a quem ofendemos.

Justifica-se esta divisão pelo fato de que precisamos entender o perdão de Deus, o quanto Deus é ofendido em sua santidade quando pecamos e o quanto nós fomos perdoados.

Quando tivemos nossos pecados perdoados, fomos regenerados e justificados, e agora estamos no processo de santificação. Diz a Bíblia que recebemos um novo coração, desta vez não de pedra, mas de carne. E esse coração nos trouxe uma nova disposição para perdoarmos aos que nos ofendem (é entendimento unânime entre os teólogos que devemos inclusive questionar se tivemos realmente nossos pecados perdoados – e se consequentemente recebemos a bênção da salvação – caso não tenhamos em nós essa disposição).

Essa contextualização é necessária para o restante do estudo, pois, se tivemos os nossos pecados perdoados por crermos em Cristo, devemos ter um coração disposto a perdoar. E esse coração que vai sendo trabalhado por Deus em nosso processo de santificação, que perdoa a nossos irmãos, que não se ressente do mal, pois está tendo o amor ágape nele gerado, também se preocupa com a situação do nosso próximo. Quando alguém pecar contra nós, não vamos nos deixar abater, nem pecar contra esse alguém falando mal dele para as outras pessoas. Deus nos exorta a irmos ter com ele, pensando em sua restauração, caso essa pessoa seja realmente irmã em Cristo, o que se confirmará se caminharmos os passos indicados por Cristo em Mateus 18.15-20.

Por fim, sabendo que estamos sujeitos a que pequem contra nós, precisamos entender que igualmente estamos sujeitos a pecarmos contra outrem. E aí entra também uma questão de humildade, de vitória contra o orgulho e a arrogância, que é a busca por reconciliação por meio de nosso pedido de perdão.

Em todos esses passos, precisamos entender que nossa comunhão com Deus é afetada, tanto quando pecam contra nós e não estamos dispostos a perdoar, tanto quando pecamos contra alguém e não pedimos perdão a esta pessoa, tanto quando não buscamos a reconciliação com nossos ofensores ou os que ofendemos.

Tendo esse entendimento, podemos buscar melhorar nossas relações com Deus e com nossos irmãos, praticando os mandamentos de amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

**CONTEXTUALIZANDO**

O capítulo 18 de Mateus é um trecho bastante interessante. Começa com os discípulos, debaixo de uma perspectiva humana sobre a grandeza em termos de esforço, realização e status, questionando ao Senhor quem é o maior no Reino dos Céus. E o Senhor ilustra a resposta colocando uma criança no meio deles e afirma que eles deveriam, em primeiro lugar, converterem-se e se tornarem como crianças para poderem entrar no Reino dos Céus. E completa que aquele que se humilhar como aquela criança é o maior no Reino dos Céus.

As crianças, como sabemos, demonstram uma confiança muito grande em seus pais e dependem completamente deles para sobreviverem. Elas não se preocupam se terão comida, simplesmente confiam que vão comer. Não se preocupam se terão onde dormir, simplesmente dormem onde os pais as colocam. Para elas, o mais importante é o colo da mãe ou do pai, a proteção e a sensação de segurança que isso traz a elas. Portanto, tornar-se como uma criança representa confiar totalmente em Deus, nosso Pai, e no fato de que Ele nos protegerá e nos proverá com tudo que precisarmos para viver na terra.

Na sequência, Cristo nos apresenta o grande pecado que é colocar pedras de tropeço para que um dos pequeninos que nele creem (ou seja, seus discípulos) caia. Cristo demonstra o cuidado e a proteção de Deus para conosco, os que cremos, e o perigo que correm aqueles que nos perseguem, ao usar o exemplo de ser melhor pendurar no pescoço uma pedra de moinho e se afundar na profundeza do mar do que fazer um dos seus pequeninos tropeçar.

Colocar pedras de tropeço significa praticarmos qualquer ato que afaste os homens de Cristo, que os tire dos caminhos do Senhor. Podemos fazer isso ridicularizando a fé, opondo-nos ou dissuadindo-os de servirem a Cristo. Podemos fazer isso, dando um mau testemunho, ao vivermos uma vida incoerente com o que professamos ser a nossa fé. Isso, de acordo com as palavras do Senhor, é um pecado de consequências gravíssimas. E, ao fazermos isso, podemos dar razão para que os outros venham a blasfemar o nome de Deus, como o fez Davi, segundo o relato de 2 Samuel 12.14 (*“Mas, posto que com isto deste motivo a que blasfemassem os inimigos do Senhor, também o filho que te nasceu morrerá.”*).

Na sequência, Jesus usa uma hipérbole, a de cortarmos fora membros do corpo para não pecarmos, para enfatizar a necessidade de autodisciplina e de remoção do pecado de nossas vidas. E traz também a realidade do castigo eterno após a morte, para aqueles que não creem em Cristo, ao usar as expressões “fogo eterno” e “inferno de fogo”.

Continuando, Cristo demonstra a vontade do Pai de que nenhum irmão se perca, ilustrando este fato com a estória da ovelha desgarrada. Percebamos que essa estória está intimamente ligada com o que vem em seguida, que é a forma como tratar um irmão que peca. Este é a ovelha desgarrada. E é a vontade do Pai que nós corramos atrás da ovelha, ou seja, que confrontemos[[1]](#footnote-1) nosso irmão, primeiro em particular, apenas nós e ele. Em seguida, caso o irmão não nos tenha ouvido, Cristo estabelece os próximos passos a serem seguidos: primeiro, levar duas ou três testemunhas para participarem da conversa; se não funcionar, contar à Igreja. Caso não ouça a Igreja, esta pessoa não mais será considerada irmão, mas como gentio e publicano, dois tipos de pessoas que representavam a rebeldia contra Deus.

Prosseguindo no capítulo, chega-se aos versículos 18 a 20. Aqui cabe uma consideração especial, não apenas porque são os versículos que antecedem o texto básico de nosso estudo, mas porque são versículos comumente utilizados por nós fora do contexto e do significado deles neste contexto.

Inicialmente, observemos que estes versículos aparecem após Cristo mencionar o que é conhecido como processo de disciplina da Igreja. O pecado de um faltoso acabou de ser compartilhado com a Igreja e esta tomou uma decisão em relação a ele. Nesse contexto, Cristo menciona que o que tiver sido ligado na terra terá sido ligado nos céus, ou seja, a decisão da Igreja é ratificada por Ele. Isso demonstra a autoridade que Jesus concede a seus discípulos no sentido de recuperar um irmão. E ele confirma essa autoridade ao mencionar que se dois concordarem sobre algo isso será feito, ainda no contexto do capítulo, que está falando sobre a restauração do irmão que peca. E termina o trecho afirmando que ele “assina” esta decisão ao afirmar que onde dois ou três estiverem reunidos em seu nome, Ele está no meio deles.

Podemos argumentar que Cristo estaria expandindo o que estava dizendo para o campo de uma reunião de oração ou um culto. Assim, bastaria que dois concordassem em algum assunto e pedissem a Deus que concedesse esse pedido que Deus assim o faria. Contudo, a Bíblia nos afirma que se não orarmos de acordo com a vontade do Pai, Ele não nos atenderá. Então não basta duas ou mais pessoas estarem de acordo com alguma coisa para que Deus atenda a nossa oração. Além disso, os textos imediatamente anteriores e posteriores ao versículo trariam este contexto.

Podemos também argumentar que Jesus está presente quando dois ou três estão reunidos em seu nome, em qualquer circunstância, e não apenas quando se trata da disciplina do irmão que peca. E isso não é mentira, contanto que esses dois ou três sejam salvos e tenham o Espírito Santo. Na verdade, basta um salvo orar e o Espírito Santo está presente. Sendo o Espírito Santo um com Cristo e com o Pai, todos estão presentes. Novamente é importante o meio em que o texto está inserido.

E assim chegamos ao texto-base do encontro, que é uma continuação do que vimos até o presente.

**TEXTO-BASE**

Mateus 18.21-35

*“Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete. Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos. E, passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Não tendo ele, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga. Então, o servo, prostrando-se reverente, rogou: Sê paciente comigo, e tudo te pagarei. E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida. Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves. Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Sê paciente comigo, e te pagarei. Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida. Vendo os seus companheiros o que se havia passado, entristeceram-se muito e foram relatar ao seu senhor tudo que acontecera. Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti? E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão.”*

**ANÁLISE DO TEXTO**

**Trecho 1 – Quantas vezes perdoar um irmão**

Mateus 18.21-22

*“Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.”*

O costume judaico era o de que um irmão deveria ser perdoado por três vezes, o que seria suficiente para demonstrar que se possuía um espírito perdoador. Na quarta vez, não era necessário mais perdoar.

A interpretação mais comum deste trecho é que Pedro estava buscando demonstrar generosidade ao estender o perdão de três para sete vezes. E Cristo traz algo que a todos espanta: não deve haver limites para perdoar o irmão que nos ofende! Este é o significado de “setenta vezes sete”.

A intenção do texto não é que tenhamos um contador de pecados para cada irmão com quem convivemos, para que tão logo chegue o quadringentésimo nonagésimo (sim, foi feita uma pesquisa exaustiva para explicar o número 490º) pecado, mas que tenhamos um coração abertamente disposto a perdoar.

E Jesus continua (lembremos que o texto original não era dividido em tópicos para facilitar o entendimento como é hoje), logo após a sentença “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.”

**ANÁLISE DO TEXTO**

**Trecho 2 – Por isso**

Mateus 18.23

*“Por isso, ...”*

“A locução por isso significa por esse motivo e indica, principalmente, uma consequência daquilo que foi dito ou feito, estabelecendo uma relação semântica com um acontecimento anterior.”[[2]](#footnote-2)Vejamos a afirmação do Senhor a Pedro: “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.” E continua: “Por isso...”.

O que vem a seguir demonstra a consequência de perdoar sem limites.

**ANÁLISE DO TEXTO**

**Trecho 3 – O credor incompassivo ou a parábola do servo que não queria perdoar**

Mateus 18.23-27

*“Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos. E, passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Não tendo ele, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga. Então, o servo, prostrando-se reverente, rogou: Sê paciente comigo, e tudo te pagarei. E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida.”*

Em breve, todos nós compareceremos diante de Deus para prestarmos contas a Ele pelo que foi a nossa vida. Nesse dia, ou passaremos para a eternidade ou seremos lançados no fogo do inferno. Não há um meio termo aqui.

Sabemos que a condição para que passemos à eternidade é crermos em Jesus Cristo. O famoso texto de João 3.16-18 nos afirma: “*Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus.”*

Vemos nesse texto que todos nascemos já julgados. Nosso destino natural seria a condenação eterna. Mas Deus enviou a Jesus Cristo para salvar, não julgar, pois os que nele não creem, como afirma a Escritura, já estão julgados.

E a nossa condenação não é gratuita. Vivemos debaixo do pecado por toda a vida e, a não ser que tenhamos nossos olhos abertos para entender a graça do Evangelho, não há esperança para nós.

A Bíblia nos informa que somos devedores a Deus. O trecho em questão informa que contraímos uma dívida impagável com Ele por causa de nossos pecados. Se verificarmos a oração do Pai Nosso, em Mateus 6, a expressão usada para dívidas (para as quais estamos pedindo perdão ao orarmos) é a mesma em Mateus 18.

No relato de Jesus, o tamanho da dívida do credor incompassivo é 10.000 talentos. Um talento equivale a 6.000 denários, sendo este a principal moeda romana, de prata, que correspondia ao salário que um homem recebia pelo trabalho de um dia. Com isso, percebemos que o tamanho da dívida seria de 60.000.000 de denários, ou seja, 60.000.000 de dias trabalhados. Se alguém trabalhasse 365 dias por ano, levaria em torno de 165.000 anos para receber tamanha riqueza. Em suma, é uma dívida impossível de ser paga.

Por analogia, o que Cristo está dizendo é que é impossível a qualquer um de nós pagarmos a dívida contraída com Deus por nossos pecados. Compreendermos isso é de fundamental importância para que tenhamos a real percepção de quem fomos e o tamanho do perdão misericordioso que Deus nos concedeu.

Colossenses 2.13-14 nos ajuda a compreender essa questão: *“E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdoando todos os nossos delitos; tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz;”*

No verso 13, Paulo nos conta que ***todos*** os nossos delitos foram perdoados, nenhum delito ficou de fora. Em outros termos, toda a nossa dívida para com Deus foi perdoada, assim como o senhor de Mateus 18 fez com o credor incompassivo.

No verso 14, diz que foi ***cancelado o escrito de dívida***, o qual constava de ordenanças. Um escrito de dívida era um documento, devidamente assinado, pelo qual um devedor reconhecia sua dívida, podendo ser utilizado quando alguém se recusa a pagar o que deve. É uma nota promissória.

No verso 14, também aprendemos como acumulamos nossas dívidas. O escrito de dívidas constava de ordenanças. O termo original para a expressão ordenanças significa “as regras e requerimentos da lei de Moisés; que sugere severidade e julgamento ameaçador”[[3]](#footnote-3). Cada vez que descumpríamos essas regras e requerimentos, nossa dívida aumentava, tendo crescido a um montante que jamais conseguiremos pagar.

Essa foi a nossa condição diante de Deus: devedores sem ter como pagar suas dívidas, destinados à condenação eterna. Aqui vemos o tamanho do perdão que recebemos de Deus. Estávamos debaixo de sua ira. Nascemos julgados. Sua misericórdia se mostrou por meio de Cristo, que nos salvou da ira de Deus e das consequências eternas que representavam.

Demonstra nosso comportamento de receber perdão e misericórdia e, logo em seguida, exigirmos justiça de alguém.

**APLICAÇÕES**

1. Ao entendermos a proporção entre o quanto ofendemos a Deus com nossos pecados e o quanto nossos irmãos nos ofendem, não podemos pensar que temos a possibilidade de não os perdoar suas ofensas, uma vez que, por meio de Cristo, fomos perdoados de todos os nossos pecados.

**CONCLUSÃO**

**FONTES**

1. “Pensamentos expositivos sobre o Evangelho de Mateus – Um comentário”, de J. C. Ryle
2. Bíblia de Estudo NAA – Nova Almeida Atualizada
3. La Biblia Hispanoamericana – Edición de estudio

1. Do latim medieval confrontāre, a ideia de confrontarmos um irmão não é no sentido do confronto bélico, mas no sentido de voltar a face para o irmão, ou seja de mostrar preocupação com ele, estando frente a frente com ele, em busca da restauração deste irmão. [↑](#footnote-ref-1)
2. <https://www.dicio.com.br/por-isso-ou-porisso/#:~:text=A%20locu%C3%A7%C3%A3o%20por%20isso%20significa,sem%C3%A2ntica%20com%20um%20acontecimento%20anterior>. [↑](#footnote-ref-2)
3. https://search.nepebrasil.org/interlinear/?livro=51&chapter=2&verse=14#strongG1378 [↑](#footnote-ref-3)